
ESCOLARIZAÇÃO EM SAPIRANGA/RS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: A PRESENÇA DOS GRUPOS ESCOLARES

SCHOOLING IN SAPIRANGA/RS IN THE FIRST DECADES OF THE
20TH CENTURY: THE PRESENCE OF SCHOOL GROUPS

José Edimar de Souza¹

<http://lattes.cnpq.br/3693254783408309>

<https://orcid.org/0000-0003-1104-9347>

Valesca Brasil Costa²

<http://lattes.cnpq.br/3503408474779065>

<https://orcid.org/0000-0002-3679-0273>

Recebido em: 28 de março de 2020

Aprovado em: 19 de agosto de 2020

RESUMO: O objetivo do estudo é construir, a partir de fotografias e documentos, aspectos sobre os primeiros tempos de implantação do Grupo Escolar de Sapiiranga, posteriormente identificado como “Coronel Genuíno Sampaio”. Os procedimentos teóricos e metodológicos estão fundamentados na perspectiva da história cultural e da análise documental. O estudo vale-se da consulta a arquivos e acervos públicos. Importa para a pesquisa analisar o processo de institucionalização dos Grupos Escolares no Rio Grande do Sul, em particular na região de Sapiiranga-RS, considerando que essa forma de organização escolar, prioritariamente, fora instituída no espaço urbano a partir de 1930. Considera-se até o momento que a escolarização pública desenvolvida no Estado, nas primeiras décadas do século XX, contou com a presença desse tipo de instituição escolar em algumas localidades, como é o caso de Sapiiranga.

Palavras-chave: História da educação; Grupo Escolar; Práticas de escolarização.

ABSTRACT: The objective of the study is to construct, from photographs and documents, aspects of the early days of the implementation of the Grupo Escolar de Sapiiranga, later identified as “Colonel Genuíno Sampaio”. Theoretical and methodological procedures are based on the perspective of cultural history and documentary analysis. The study makes use of consultation with public archives and collections. It is important for the research to analyze the institutionalization process of School Groups in Rio Grande do Sul, in particular in the region of Sapiiranga-RS, considering that this form of school organization was primarily instituted in the urban space since 1930. It is considered until the time that the public

¹ Doutor em Educação. Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul – UCS. E-mail: jesouza1@ucs.br

² Doutora em Educação. Professora da Faculdades João Paulo II e Curso de Filosofia EAD da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: valescacosta@gmail.com

schooling developed in the State, in the first decades of the 20th century, had the presence of this type of school institution in some locations, as is the case of Sapi-ranga.

Keywords: History of education. School Group. Schooling practices

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho apresenta aspectos dos primeiros documentos organizados no conjunto das ações previstas no desenvolvimento do projeto de pesquisa³ que pretende compreender os modos de organização do ensino primário no Rio Grande do Sul, entre 1890 e 1950. Nesse sentido, o objetivo procurou construir, a partir de fotografias e documentos, aspectos sobre os primeiros tempos de implantação do grupo escolar de Sapi-ranga, posteriormente identificado como “Coronel Genuíno Sampaio”.

Sapi-ranga é um município do Vale dos Sinos⁴, situado no estado do Rio Grande do Sul e localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre. Em 2015, a população representava aproximadamente 74.985 habitantes, distribuídos em uma área de 138,315 quilômetros quadrados (SAPIRANGA, 2015).

A história da educação no município está associada à presença dos imigrantes alemães na região, a partir de 1826. Nesse sentido, era uma prática comum nas localidades estabelecidas pelos imigrantes alemães, sobretudo aqueles de confissão luterana, a instalação de escolas junto de suas paróquias. Gevehr (2015) argumenta que, em Sapi-ranga, a escola da comunidade era dirigida pelo pastor João Jorge Klein, que ministrava as aulas em sua residência. Essa escola originou a mais antiga instituição e que ainda se encontra em funcionamento, o atual Instituto Sinodal Duque de Caxias, fundado no ano de 1850.

Na década de 1930, do século XX, a presença da escola pública começa a se efetivar na localidade em 10/02/1934, quando foi criado o grupo escolar Sapi-ranga, denominado hoje Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio (SAPIRANGA, 2015). Além disso, a história de Sapi-ranga está imbricada na história de São Leopoldo, considerando que só em 28/02/1955 é que a emancipação acontece e possibilita os primeiros tempos de organização de uma estrutura administrativa independente.

Em relação à implantação dos cursos secundários, a extensão do ensino primário ocorre em 1955, com a criação do curso ginásial (Decreto Nº 6.749, de 22 de novembro de 1955, criou o Ginásio. Já a Portaria 512, de 12 de março de 1956, autoriza o funcionamento, porém as aulas iniciaram em 22 de abril de 1956), e, na sequência, surgem os cursos técnicos e profissionalizantes como os cursos Comercial e Normal. Nesse sentido, um dos projetos que endossou as políticas de emancipação dos municípios, como Campo Bom, Sapi-ranga, entre outros, foi a proposta de ampliação dos níveis de ensino, antes apenas atendidos pela escolarização primária.

Na sequência deste estudo, vamos nos deter a abordar os procedimentos teóricos e metodológicos. Assim, antes de nos determos mais especificamente na bibliografia utilizada, que

³ Projeto de investigação financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico – CNPq-Brasil. Edital Universal 01/2016: “Modos de Organizar a Escola Primária no RS (1889-1950): histórias, memórias e práticas educativas”. Processo número: 405151/2016-0.

⁴ Região próxima a Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Recebeu este nome em função do Rio dos Sinos, principal recurso hídrico que corta os municípios que compreendem esse vale, por exemplo, Estância Velha, São Leopoldo, Parobé, Sapi-ranga, Novo Hamburgo e Campo Bom, entre outros.

tomou como base o estudo na “História Cultural”, é preciso que se mapeie a trajetória da pesquisa de campo, que teve como percurso garimpar fontes, sendo dentre elas jornais, revistas e fotografias que possibilitassem revisitar a história da presença dos grupos escolares na cidade de Sapiiranga, mais especificamente no Rio Grande do Sul, no Século XX.

É interessantes destacar que se deve considerar que muitas foram as transformações que as posições interpretativas da História vêm sofrendo, assim, nos deparamos com o marxismo de um lado, e de outro, com os *Annales*, e é destes últimos que se partirá, uma vez que é dessa escola que surgirá a “História Cultural”. A Escola dos *Annales* como método historiográfico foi um passo importante na pesquisa, uma vez que visava a superar o positivismo e considerar, sobretudo, as transformações sociais. Isso que constituiu um salto considerável, possibilitando que muitos, até então excluídos das pesquisas, se tornassem foco principal. Desse modo, a história cultural passou a dedicar-se a um campo interdisciplinar, mais aberto no estudo da sociedade, emergindo temáticas até então ignoradas.

Nas décadas de 1960 e 1990 do século XX, os estudos da cultura cotidiana e dos fatos sociais do dia a dia se tornariam mais palpáveis aos olhos da antropologia, de maneira que tanto a história contribuiu para antropologia como o contrário também aconteceu, constituindo-se em outro campo fundamental para os estudos na perspectiva da história cultural.

Ainda quanto aos procedimentos teóricos e metodológicos estão fundamentados na perspectiva da história cultural, considerando as práticas no sentido de Chartier (1990), como produtoras de uma narrativa histórica que envolve valores, normas e modos em que as instituições promoveram uma determinada formação aos sujeitos que frequentaram os grupos escolares. Nesse sentido, esta opção teórica apresenta-se como uma abordagem para se pensar a ciência histórica, considerando a cultura como “[...] um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2004, p.15). Além disso, vale-se dos procedimentos analíticos documentais históricos, a partir do acesso a documentos escritos e icnográficos.

Quanto à utilização de imagens como documentos na investigação, elas receberam tratamento teórico/prático, sustentando-se na compreensão que atenta Chartier (2002) em que os registros se cruzam, se ligam, mas jamais se confundem. “A imagem é simultaneamente a instrumentalização da força, o meio da potência e sua fundação em poder” (CHARTIER, 2002, p. 165). As imagens, aqui utilizadas, foram no sentido de reconstrução cultural de um determinado contexto, que é suporte indispensável na sua interpretação, por vezes, como indutor de memórias e práticas, por outras, como ilustração de um fato analisado em documentos e registros do arquivo acessado.

O estudo se vale, ainda, da consulta documental nos acervos do Arquivo do Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindenmeyer e do Instituto Estadual de Educação Sapiiranga. Importa para a pesquisa mapear e analisar o processo de institucionalização do grupo escolar em Sapiiranga, distrito de São Leopoldo, considerando que essa forma de organização escolar, prioritariamente, fora instituída no espaço urbano a partir de 1930.

As questões teóricas e metodológicas aqui implicadas reforçam a ideia de que o que torna um documento relevante é a análise que se faz dele, não o documento em si, são as perguntas que o pesquisador elabora e as lentes que utiliza para analisar, teórico e epistemologicamente, que possibilitam recompor cenários vividos a partir de vestígios e dos instrumentos escolhidos pelo investigador.

Certeau (2011) acrescenta que a partir da problemática construída pelo investigador, no

presente, se produzem novos sentidos ao conjunto e aos fatos históricos narrados. “Ao recriar aquilo que está morto, ele torna vivo e mutável o saber produzido [...] Nesse processo, precisa-se levar em conta os desvios [...] e as discontinuidades” (MORAES; GAMBETA, 2011, p. 168). Em relação à documentação das instituições escolares, é pertinente destacar que os documentos nem sempre estão à disposição do pesquisador em arquivos e de maneira organizada, o que faz com que a seleção e ordenação das fontes configure como uma busca permanente das fontes documentais.

OS “TEMPLOS DO SABER”: A PRESENÇA DO GRUPO ESCOLAR

No final do século XIX, a educação era vista com um instrumento redentor. A valorização da ciência e de uma cultura letrada dominavam os pilares da República, controlada por grandes proprietários de terra e que, por sua vez, tinham acesso à educação. Assim, a escolarização era instrumento fundamental para a execução desse projeto civilizador da nação, que tinha como horizonte a construção de uma identidade nacional. Assim, era preciso uma educação popular que transformasse todo o país em sociedade moderna.

No início do período republicano no Brasil, o país passava por uma profunda transformação política, uma vez que o governo da recém-criada República pretendia superar a Monarquia. Além disso, nascia uma grande massa de trabalhadores urbanos e rurais que, por sua vez, e nem sempre, possuíam as mínimas condições de acesso à educação. E, como a Constituição de 1891 excluía da participação política os analfabetos, o acesso à educação, nesse contexto, surge como possibilidade, a partir dos grupos escolares, para corrigir essa lacuna.

Criado no Estado de São Paulo, mais especificamente no início da década de 1890, os Grupos Escolares representaram uma organização administrativa e pedagógica, que tinha como princípios a racionalidade científica e a divisão do trabalho, resultando em um ensino homogêneo, padronizado e uniforme. Assim, não demorou muito para esse modelo de ensino primário ser adotado em todo o país (SOUZA, 1998).

A base para esse novo modelo era as escolas americana, inglesa e francesa. É fundamental destacar a figura do intelectual brasileiro Rui Barbosa que, junto com outros intelectuais da elite brasileira, considerava necessário e ideal esse modelo de educação para a população fora o propulsor do progresso da nação e um difusor dos ideais republicanos (SOUZA, 1998).

Além disso, como já argumentado em outros estudos de Souza (2017) e Souza (2013), a passagem das aulas, ou escolas isoladas, para os grupos escolares representa uma nítida noção de que a educação básica deveria atingir o máximo de pessoas com uma nova concepção de metodologia de ensino.

Para Souza (1998), a implantação do projeto republicano de educação popular, nas primeiras décadas no Brasil, projeta a idealização de um ensino mais homogêneo, padronizado e uniforme. Para essa autora, foi a instituição dos grupos escolares no Estado de São Paulo, na década de 1890, que marcou inovações e modificações no Ensino Primário. Essa forma de organizar e modernizar o ensino, no Rio Grande do Sul, foi morosamente implantada até 1950, inicialmente com os colégios elementares, a partir de 1909 e, posteriormente, com a criação dos grupos escolares.

Teive e Dallabrida (2011) argumentam que os grupos escolares representam um símbolo de progresso e civilidade, marcas de uma política influenciada pelo pensamento e práticas do positivismo da primeira República. O Brasil “republicano” estava inserido num ideário polí-

tico, social, econômico e cultural de ascensão ao progresso e à modernidade, num país de tradição e dependência agrícola, com a maioria da população residindo no meio rural, e com mais ou menos 80% da população analfabeta.

Cabe considerar que esse modelo dos Grupos escolares influenciou concomitantemente na concepção arquitetônica da escola, bem como na sua composição material, adotando outro tipo de mobília escolar e vasto material didático. Apesar de extinto na década de 1970, o formato dos grupos escolares foi de extrema importância na educação primária no Brasil, permanecendo vivo na memória daqueles que fizeram parte dessa história, como alunos, professores e gestores (SOUZA, 1998).

O GRUPO ESCOLAR DE SAPIRANGA

A primeira metade do século XX ficou conhecida no Brasil como período de continuidade da expansão da educação pública, manifestação da propaganda republicana. Para Bastos (2005), na década de 1930, a escola assumiu um caráter estratégico na obra da reconstrução nacional. Como política social, a escola seria a instituição legítima para imprimir na sociedade “certa unidade de pensamento”. Portanto, contribuiria para que se consolidasse a ideia de um “Estado forte, autoritário e marcadamente nacionalista”. O nacionalismo estava presente nas discussões, debates e realizações do governo Estadual desde o início do século XX, visível, por exemplo, nas subvenções escolares que contribuíram para esse projeto de governo. Contudo, a política introduzida no período de 1930 a 1945 pretendia conduzir os indivíduos às novas exigências da realidade urbano-industrial, como resume Bastos:

A formação do “novo” homem está a exigir uma “nova” educação e “novas instituições escolares”. [...] as realizações do governo são dirigidas a preparar o homem completo, isto é, como pessoa, como cidadão e como trabalhador, a fim de que realize integralmente – no plano moral, político e econômico – a sua vida, para servir à Nação. Para implementação dessa meta, é fundamental a elaboração de um código das diretrizes da Educação Nacional, no qual o Estado deve assumir a sua suprema direção, fixando-lhe os princípios fundamentais e controlando a sua execução. O ensino primário – “a alfabetização das massas” –, como o verdadeiro instrumento de modelação do ser humano, deve despertar e acentuar na criança as qualidades e aptidões de ordem física, intelectual e moral, que a tornem rica de personalidade e, ao mesmo tempo, dotada de disciplina e eficiência – dois atributos essenciais ao cidadão e ao trabalhador (BASTOS, 2005, p. 16).

A relação de interdependência entre as esferas federal, estadual e local pretendia consolidar juridicamente a garantia da expansão, da obrigatoriedade e da gratuidade do ensino público, principalmente o primário. No Rio Grande do Sul, entre 1930 a 1945, ocorreu crescimento do número de escolas públicas, ora pelo aspecto da subvenção, em função do processo de nacionalização do ensino, como já foi referido anteriormente, ora pela criação de novas instituições de ensino. Além disso, outras ações que envolveram a instância educativa contribuíram para qualificar o ensino público gaúcho.

Como já argumentando, por mim, em outros estudos, a trajetória institucional do Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio, ou apenas “Genuíno Sampaio”⁵, relaciona-se à história

⁵ Mais detalhes sobre essas mudanças de identificação institucional do Estadual de Sapiranga podem ser conferidos em Souza (2016).

do Instituto Estadual de Sapiiranga. Nesse sentido, essas instituições passaram por processos de mudanças e alterações de sua designação, bem como de nomes que foram associados ao corpo institucional.

É necessário esclarecer que não existe produção bibliográfica que trate desse assunto. No entanto, a pesquisadora e professora Dóris Fernandes⁶ é quem tem dedicado atenção a alguns manuscritos e produções que circularam em jornais locais. A história da escola iniciou na década de 1930, com a implantação do grupo escolar inaugurado em 1934 e que, posteriormente, se chamou Grupo Escolar Coronel Genuíno Sampaio. Até 1975, a instituição funcionou no prédio situado na Rua Carlos Biehl, número 108, e, mesmo que fosse uma residência particular, demonstra que era um destacado prédio na municipalidade, como se observa na fotografia da Figura 1, uma fachada ampla e com identificação da instituição.

Figura 1 – Grupo Escolar de Sapiiranga, 1934.



Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Sapiiranga.

O grupo escolar⁷ foi criado em 10 de fevereiro de 1934, através do decreto nº 5526, pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, João Carlos Machado, no exercício da função de Interventor Federal. No final da década de 1930, o governador José Antônio Flores da Cunha denomina os grupos escolares para perpetuar nomes de personalidades ligadas ao desenvolvimento histórico ou educacional do Rio Grande do Sul. Através do decreto

⁶ Professora entrevistada na pesquisa desenvolvida no estágio de pós-doutorado na Unisinos, entre 2015 e 2016. Mais detalhes sobre as entrevistas podem ser consultadas em Souza (2016).

⁷ Sobre a história da escola é importante destacar que em 1955, com a emancipação do município, o Curso Ginásial agregava-se à instituição. Em 1958, o curso ginásial passou a ser oferecido no período noturno e passou a funcionar a Escola Técnica de Comércio. Em 1962, a escola oferecia o Curso Ginásial, Científico e Colegial ou o Clássico. Além da oferta do Curso Normal Regional nas modalidades de 1º. Ciclo, e 2º. Ciclo. Em 1969, o grupo escolar é transformado em Escola primária de aplicação da Escola Normal, para as alunas normalistas e que atuavam em escolas da região funcionando até 1972. Entre 1972 e 1975 a instituição encontra-se em processo de extinção do Curso Normal, bem como, realizou diferentes estudos para a adequação e oferta do novo curso.

nº. 6702, de 27 de agosto de 1937, passou a ser denominado Grupo Escolar Coronel Genuíno Sampaio, justificado por ser “[...] bravo official do Exército, prestou relevantes serviços à Pátria pela qual sucumbiu em combate (D.O., 27 de agosto de 1937)” (INSTITUTO, 2011).

Para Bencostta (2005), a estrutura dos grupos escolares influenciou na dimensão do espaço de outras formas de escolas, com implantação de prédios escolares, construídos em um só pavimento. As salas de classe teriam preferentemente a forma retangular, boa iluminação e ventilação sem prejudicar a saúde das crianças. Nesse sentido, alguns aspectos podem ser evidenciados nas fotografias localizadas no arquivo da própria instituição e principalmente no arquivo público municipal.

Conforme Bastos, Lemos e Busnello (2007) a análise de imagens, na perspectiva da história cultural, é uma proposta ou protocolo de leitura, sugerindo ao leitor a compreensão do texto e do seu significado. Nesse sentido, as imagens são apresentadas, como a produção de uma história específica, com um propósito, uma intenção que necessita ser lida no seu contexto.

A iconografia na história (Burke, 2004; Paiva, 2002; Fabris, 1998), e, especialmente, na História da Educação (Bencostta, 2003; Souza, 2001, Franco e Alves, 2004; Quadros, 2005), tem sido analisada como um registro histórico que merece um tratamento interno e externo pelos pesquisadores. Para Burke (2004:17), a imagem constitui uma forma importante de evidência histórica e nos permite ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida. O pesquisador deve ler a imagem em seus diversos elementos e planos, identificando mensagens e motivações, o que implica uma leitura de temas e significados, que trazem as formas expostas na imagem, e o contexto de produção e recepção (BASTOS, LEMOS, BUSNELLO, 2007, p.42).

Bastos, Lemos e Busnello (2007), apoiados em Dubois, argumentam que não existe um método para analisar imagens. Entendem que as imagens são representações culturais e que possuem uma função simbólica. A imagem é um objeto cultural sobre o qual existe um saber que deve ser apropriado pelo investigador. Nesse sentido, como já argumentado anteriormente, identifica-se, na Figura 1, que, nos primeiros tempos de funcionamento da instituição, tanto o grupo escolar quanto o ginásio, encontravam-se em uma casa alugada para funcionar o grupo escolar.

Na Figura 2, elementos da cultura escolar, dos métodos de ensino podem ser identificados.

Figura 2 – Grupo Escolar de Sapiroanga, aproximadamente 1950.



Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Sapiroanga.

Como argumenta Escolano Benito (2015), a cultura escolar em sua dimensão patrimonial tem possibilitado o estudo do cotidiano e das práticas a partir das memórias que nos chegam “el primero, el más expuesto a esta posibilidad [...] por las cosas u objetos físicos que nos há legado el passado de la escuela [...] el segundo, también visible [...] los rituales que pautan la sociabilidade de los actores [...]” (ESCOLANO BENITO, 2015, p. 45).

Na Figura 2, identifica-se móbile, cartazes e mural. Esses aspectos possibilitam compreender como as aulas provavelmente aconteciam no grupo escolar, como as relações sociais procuravam constituir uma identidade de pertencimento, por exemplo, a partir do “cartaz de aniversariantes”.

Entre as décadas de 1930 e 1950, a visão de uma pedagogia da Escola Nova perpassa práticas de diferentes escolas no Estado, identifica-se que atividades com cartazes, ilustrações, com esquemas explicativos constituíam uma estratégia didática sob a égide da intuição e da contextualização dos saberes no desenvolvimento da aprendizagem.

Esses elementos da cultura material escolar, como enfatiza Fischer (2005), apresentam relação com a influência dos impressos pedagógicos, que procuravam orientar não apenas uma postura didática às futuras mestras, mas incutir nelas valores, normas e condutas da professora zelosa, ordeira e “preparada para o combate”, para formar novos “soldados à pátria”. Além disso, a influência do movimento escolanovista propôs outras organizações nos espaços escolares: salas arejadas, amplas, iluminadas e ventiladas, a promoção do nacionalismo e civismo.

Contudo, se na Figura 2 as carteiras escolares são individuais, de madeira e as cadeiras são revestidas do mesmo material, observa-se que nas cinco salas da casa onde funcionava o grupo e as aulas do ginásio não havia um padrão. Na Figura 3, os bancos escolares são ainda de sentar dois ou sentar três, seguindo uma estrutura diferente do mobiliário escolar, remetendo provavelmente à década de 1930.

Figura 3— Grupo Escolar e Ginásio de Sapiranga, aproximadamente 1950.



Fonte: Acervo Instituto Estadual de Educação Sapiranga.

Sobre os modernos tipos de bancos e carteiras escolares, americanos e/ou europeus, eles adquiriram popularidade através das feiras e exposições⁸ que começam a se proliferar no Hemisfério Norte, a partir do final do século XIX, bem como a circulação de revistas e catálogos especializados⁹ para tal fim, como afirma Souza (2007).

Para Souza (2013), os objetos mais comuns - quadro, giz, carteira escolar, cadernos e lápis, mapas e cartazes - consagraram-se nas escolas isoladas, atrelados ao uso de cartilhas e livros escolares sob a influência da pedagogia moderna. No meio rural, as inovações pedagógicas experimentadas nesse tipo de organização escolar foi se renovando a partir da velha forma do “método do ramerrão”, para modernização dos processos de ensino-aprendizagem, morosamente, valendo-se do modo e forma de utilizar os artefatos escolares, como: os mapas e cartazes para iniciar uma discussão sobre um conteúdo; a utilização frequente do caderno; na aquisição de carteira escolar que pudesse acomodar o número de alunos.

Os cartazes, frases de entonação nacionalista e espírito patriótico aparecem na Figura 4, que tem despertado interesse pela investigação das práticas nesta instituição de ensino, considerando que ela se encontrava com uma moradora de Novo Hamburgo¹⁰.

⁸ Souza (2013) indica a Exposição de Paris, de 1855, como uma das primeiras a apresentar materiais para o Ensino Elementar. Nesse sentido, sucederam-se outras formas de feiras e exposições, sendo comum aferir premiações para os melhores e modernos recursos para disseminar a educação popular. Sobre esse assunto, a autora referencia as pesquisas de Moysés Kulmann Junior.

⁹ Bencostta (2013) argumenta que uma prática que se tornou comum no ocidente europeu foi a o aspecto de os “arquitetos das escolas modernas” serem também os mentores dos projetos de objetos que caracterizaram o mobiliário interno dos edifícios que os mesmos projetavam.

¹⁰ Ao ser entrevistada sobre as escolas isoladas, a professora aposentada Hélia Köetz, em 2012, apresenta a fotografia do grupo escolar de Sapiranga. Além disso, faz muitos elogios à instituição e enfatiza a “notoriedade” do grupo e do corpo docente diante dos outros municípios como Novo Hamburgo e Campo Bom.

Figura 4 – Grupo Escolar de Saporanga, aproximadamente 1940.



Fonte: Acervo particular de Hélia Kœtz.

De um modo geral, a década de 1930 ficou identificada pelo fortalecimento dos Estados Nacionais. Para Kerber, Schemes e Prodanov (2012), no Brasil, o Rio Grande do Sul cooperou com as ações do governo, que se valeu da escola e dos meios de comunicação: rádio, imprensa e cinema, para imprimir versões sobre a identidade nacional. Isso ocorreu porque a crise mundial também foi responsável pela emergência de regimes autoritários em todo o mundo; portanto, o nacionalismo que se configurou teve grande poder para autorizar ou censurar seus símbolos.

A ênfase ao nacionalismo ultrapassa o período do Estado Novo de Vargas. Em outro documento identificado no Arquivo Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindenmeyer (livro de termos de visitas de autoridades do grupo escolar, com data de 1934 e encerramento em 1950), o depoimento de distintas autoridades contribuiu para compreender as representações sobre essa instituição escolar no município de Saporanga.

As professoras são consideradas como “abnegadas e beneméritas” pelo trabalho que desenvolvem com a “mocidade”. Em outra passagem, do Tenente Prado, por exemplo, há destaque para a preparação física, moral e intelectual das crianças, para contribuírem com a “ordem e o progresso da pátria”, como se pode observar nos trechos abaixo:

Beneméritas e abnegadas maestras da nossa juventude que aqui trabalham com o tradicional saber do professorado gaúcho, desejo minhas homenagens e voto de felicidades (Ernest Dorneles, março de 1934).

Expresso minha excelente impressão por este estabelecimento em que com dedicação de preparo a juventude edificante seus sentidos brasileiros, um ambiente de sadio nacionalismo (Pe. Marques da Costa, setembro 1940).

Visitando, com componente da comitiva do Exmo. Senhor Interventor Federal e na qualidade de comandante do 8º B.C, o Grupo Escolar de Saporanga, logrei a impressão de tudo que vi e observei de que aqui se aprende a ter um corpo sadio, um intelecto robusto e, sobretudo, um

caráter firme, resoluto e nobre o que, de certo modo, enche de satisfação e orgulho os homens brasileiros (T. Silveira do Prado. Sapiranga, 21 de outubro de 1944).

Na Semana da Pátria de 1947¹¹, como se identifica na Figura 5, abaixo, as autoridades realizaram uma visita pela casa que acolhia o grupo escolar. Esse relato demonstra ainda elementos da cultura escolar, como a prática dos recitais, da leitura de poesias, de apresentações musicais e do canto orfeônico, mesmo que o contexto não se vincule mais ao Estado Novo de Vargas. Contudo, esperava-se da escola e do professor primário que desenvolvessem a educação das crianças pelo seu próprio exemplo moral de civilidade, pois o professor deveria ser o primeiro a ter, em seu corpo, as marcas de civilidade impressas, pelo exemplo, pela paciência, vocação e afetividade (CUNHA, 2009). As representações, construídas sobre a docência, estavam envoltas a perspectivas de idealizações de caráter moral e de “vocação” para a atividade docente, mesclando sacrifício que deveria ser encarado como próprio do ofício do magistério.

¹¹ Em transcrição do documento sobre a Semana da Pátria de 1947, assim se refere um convite a autoridades: “Os que este tem assinado [não se entende] gentilmente convidados pelo Excelentíssimo Senhor Diretor do Grupo Escolar Ce. Genuíno Sampaio de Sapiranga, no município do Distrito de São Leopoldo, para assistirem ao início da Semana da Pátria de 1947. E com muito prazer assistiram esses festejos e depois de ser içado o Pavilhão Nacional pelo senhor Walter Bicy, [não se entende] sub Prefeito local fizeram uma visita demorada pelas dependências da casa, para assistirem em seguida um programa musical e musicas interessantes de cenas alegóricas e poesias patrióticas. Os presentes ficaram aptivamente impressionados e conseguimos aqui o seu voto de louvor ao corpo docente e discente deste Grupo Escolar pelo esforço dispendido para o pleno êxito desta solenidade. Sapiranga, 1 de setembro de 1947. Seguem assinaturas, [não transcritas]” (manteve-se, por opções teóricas, a grafia original).

envolver a ideia do Brasil como pátria de todos, de criar um sentimento de unidade, de saber pertencente não apenas ao seu estado, mas de todas as partes do território. E essa tarefa se tornou central para muitos intelectuais que entendiam perfeitamente a importância da escola para o sucesso da empreitada. Além disso, pretendia-se, através do nacionalismo cívico, educar os sujeitos à civilidade e à moral de um Brasil que emergia das sombras do Império.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolarização das crianças e dos jovens se consagrou entre o final do século XIX e início do século XX a partir de diferentes finalidades, instituições e projetos culturais que circunscreveram os modos como a escola primária foi organizada. A disseminação de ideias positivistas; a influência de modelos de modernização; a valorização de um determinado tipo de grupo social e de uma cultura escolar foram práticas que contribuíram para o desenvolvimento dos processos de escolarização da população brasileira.

A primeira metade do século XX ficou conhecida como período de continuidade da expansão da educação pública, manifestação da propaganda republicana. No transcorrer do século XX, a escolarização foi interpretada como instrumento mais adequado para civilizar e garantir o projeto republicano da pátria.

No Brasil, é comum associar a história da escola primária com a história dos grupos escolares. A escola primária graduada foi implantada no sistema público, de modo inovador, no Estado de São Paulo, no início do período republicano brasileiro, passando a ser conhecida como grupo escolar (TEIVE; DALLABRIDA, 2011). Embora boa parte da população brasileira tenha usufruído dessa modalidade escolar, a sua implementação, na primeira metade do século XX, não foi suficiente para substituir totalmente a prática do magistério nas escolas isoladas.

A pesquisa entende que a escola representou um espaço legítimo para socialização das aprendizagens, de práticas e, sobretudo, das fases e etapas da instituição. As memórias das alunas refletem certo saudosismo sobre a escola, que nem sempre evidenciam as dificuldades das instalações dos primeiros tempos dessa instituição escolar, contrariando um pouco o aspecto “suntuoso” dos Grupos Escolares das grandes cidades.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Maria Helena Câmara. **A revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)**. O Novo e o Nacional em revista. Pelotas: Seiva, 2005.
- BASTOS, Maria Helena Câmara; LEMOS, Elizandra Ambrosio; BUSNELLO, Fernanda. A pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes, práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 41-78.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **História da Educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 95-140.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Mobiliário escolar francês e os projetos vanguardistas de Jean Prouvé e André Lurçat na primeira metade do século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, p. 19-38, jul./set. 2013.

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar**. 1810-1910. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes, Revisão técnica de Arno Vogel. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 215-218.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Saberes impressos, escritas da civilidade e impressos educacionais (Década de 1930 a 1960). In: YAZBECK, Dalva Carolina; DA ROCHA, Marlos Bessa Mendes (Org.). **Cultura e história da educação**: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. p. 233-25.
- ESCOLANO BENITO, Augustin. Arqueología y rituales de la escuela. In: MOGARRO, Maria João (Org.). **Educación e Património Cultural**: escolas, objetos e práticas. Edições Colibri: Lisboa, 2015, p. 45-60.
- FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. A professora primária nos impressos pedagógicos (de 1950 a 1970). In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **História e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. v. 2: século XIX, p. 324-335. significados. **Tese de Doutorado** (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2007.
- INSTITUTO ESTADUAL CORONEL GENUÍNO SAMPAIO. História da escola. Blog oficial do I. E. Cel. Genuíno Sampaio. Sapiranga, 5 de jun. 2011. Disponível em: < <http://iegenuinosampaio.blogspot.com.br/2011/07/historia-da-escola.html> > Acesso em: 24 jan. 2015.
- KERBER, Alessandra; SCHEMES, Claudia; PRODANOV, Cleber Cristiano. Memórias das práticas educativas durante o primeiro governo Vargas na cidade de Novo Hamburgo – RS. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 139-170, maio/ago. 2012.
- MORAES, José Geraldo Vinci de; GAMBETA, Wilson. Michel de Certeau: pensador das diferenças. In: REGO, Teresa Cristina et al. (Org.). **Memória, história e escolarização**. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo, SP: Revista Educação; Editora Segmento, 2011. p.157-182. (Coleção Pedagogia Contemporânea).
- PESAVENTO, Sandra Jathay. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SAPIRANGA. **Lei Municipal n. 5.636, de 25 de junho de 2015**. Institui o Plano Municipal de Educação – PME, para período de 2015-2025, e dá outras providências. Sapiranga, RS, 25 de junho de 2015.
- SOUZA, Gizele de. Cultura escolar material na história da Instrução Pública Primária no Paraná. Anotações de uma trajetória de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, n. 14, p. 37-68, maio/ago. 2007.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Unesp, 1998.
- SOUZA, Rosa Fátima de. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola

primária no Brasil, no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, PR, n. 49, p. 103-120, jul./set. 2013.

SOUZA, José Edimar de. A festa da pátria: memórias cívicas na área rural de Novo Hamburgo/RS - (1930-1970). **Artelogie**, França (on-line), n. 4, 19 jan. 2013.

SOUZA, José Edimar de. O “Estadual de Sapiranga /RS” nas memórias de Normalistas (1963-1972). **Revista Latino-Americana de História**. UNISINOS, São Leopoldo, v. 5, n. 2, Dez. 2016, p. 117-198.

TEIVE, Gladys Mary Chizoni; DALLABRIDA, Norberto. **A escola da República. Os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.